



Amaranto e Quinoa - © Fabiano Bastos

Uma nova agenda global para a pesquisa sobre os alimentos

Lawrence Haddad, Corinna Hawkes e seus colegas propõem dez maneiras de deixar de lado o atual foco em alimentar as pessoas para concentrar-se em nutri-las.



Global Panel
on Agriculture
and Food Systems
for Nutrition

Cerca de 57 dos 129 países que possuem dados sobre subnutrição e obesidade estão tendo dificuldades de erradicar ambas¹. Em todas as partes, o consumo de verduras e legumes, grãos, peixe, nozes, sementes e frutas é muito inferior ao recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Ao mesmo tempo, gordura, carne processada, sal e bebidas açucaradas são consumidos em demasia.

Os sistemas alimentares globais não estão conseguindo nos manter bem alimentados, muito menos saudáveis. A maneira de cultivar, distribuir, processar, comercializar e vender os alimentos determina sua disponibilidade, acessibilidade de preços e atratividade. Esses fatores desempenham um papel decisivo na qualidade das dietas e, portanto, na saúde. A dieta é o fator de risco número um da carga global de morbidade². As dietas deficientes são mais responsáveis pela carga global de problemas de saúde do que o sexo inseguro, as drogas, o álcool e o tabaco juntos. Nas próximas décadas, os sistemas alimentares sofrerão uma pressão ainda maior, devido ao crescimento da população e da renda, à urbanização, à globalização, às mudanças climáticas e à escassez cada vez maior de recursos naturais.

Embora 795 milhões de pessoas estejam subnutridas e necessitem de vitaminas e minerais essenciais³, a obesidade está por trás de muitas das doenças crônicas que estão se disseminando pelo planeta — do diabetes tipo 2 às doenças cardíacas. Uma em cada três pessoas está desnutrida. Quase um quarto das crianças com menos de cinco anos sofre de atraso no crescimento, com diminuição das capacidades físicas e cognitivas. Em toda a África, assim como na Ásia, o impacto anual da subnutrição sobre o Produto Interno Bruto é de 11%¹. Ao mesmo tempo, 2 bilhões de adultos em todo o

mundo, mais de um em cada quatro, têm sobrepeso ou são obesos.

Este não é um problema que um país possa superar crescendo ou se desenvolvendo. Conforme as economias se expandem, muitos fatores sociais melhoram, mas a qualidade da dieta, não. A fome aguda e a crônica foram substancialmente reduzidas, graças à rápida redução da pobreza e à crescente produtividade agrícola. Mas o progresso continua sendo lento demais em muitos aspectos. Além disso, os países de renda média e baixa estão agora seguindo o caminho costumeiro e altamente prejudicial que leva da subnutrição à obesidade.

Os esforços necessários por parte da comunidade internacional equivalem àqueles feitos para combater o HIV/AIDS, a malária e o tabagismo. Em especial, são necessárias pesquisas interdisciplinares urgentes para apoiar medidas coordenadas na elaboração de políticas. Esta foi a conclusão à qual chegamos depois da compilação de um relatório comissionado pelo Painel Global sobre Agricultura e Sistemas Alimentares para a Nutrição publicado em setembro⁴. O documento inclui um apelo para que cientistas, governos e doadores definam maneiras de criar e manter os sistemas alimentares para que eles proporcionem dietas nutritivas para todos.

Nesta semana, em que a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e a OMS se reúnem em Roma para debater a Década de Ação para Nutrição da ONU, pesquisadores, governos, especialistas da indústria e financiadores devem se comprometer a enfrentar esses desafios, que vêm inextricavelmente unidos aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, sobretudo o segundo (fome zero) e o terceiro (boa saúde e bem-estar). Medidas

isoladas não serão eficazes, pois as tendências são tão amplas e estão tão interligadas que todo o sistema alimentar precisa ser reestruturado. Nenhum ministério ou setor é "dono" da qualidade das dietas disponíveis para o consumidor. Em muitos países, há uma falta bastante evidente de definição das responsabilidades do setor público.

DEZ PRIORIDADES DE PESQUISA

A seguir, apresentamos uma nova agenda global para a pesquisa em nutrição. Ela visa principalmente os pesquisadores, os financiadores e os governos, mas traz mensagens importantes para todas as partes envolvidas.

Identificar pontos de introdução de mudanças. Os sistemas alimentares são dinâmicos; englobam a produção, o armazenamento, o transporte e a comercialização, o processamento, a transformação e a venda a varejo, além das interações entre cada uma dessas etapas. Precisamos compreender o quanto cada parte do sistema pode contribuir de maneira integrada para fazer com que dietas de alta qualidade fiquem mais disponíveis e sejam mais atraentes e economicamente viáveis. Por exemplo: como podemos reduzir a deterioração dos alimentos na armazenagem, minimizar a perda de nutrientes durante a transformação e melhorar a qualidade dos alimentos com o mínimo processamento possível? Os estudos deveriam trazer avaliações tanto de diversos países, quanto de locais específicos, além de pesquisas qualitativas, mapeamento e análises minuciosas das cadeias de valor. Os doadores e os financiadores devem fomentar iniciativas interdisciplinares, envolver os consumidores e os



© Fabiano Bastos

responsáveis pela elaboração de políticas, e verificar quais são os estímulos que fazem com que as partes envolvidas no sistema alimentar se comportem de modo diferente.

Aumentar a disponibilidade de dados sobre as dietas.

Atualmente, é difícil comparar as dietas de várias culturas, locais e épocas. Isso vem impedindo que se chegue a um consenso global a respeito do que constitui uma dieta saudável. Um projeto-piloto, a Ferramenta de Dados sobre o Consumo Individual Global de Alimentos da FAO e da OMS (FAO/WHO GIFT, na sigla em inglês; acesse go.nature.com/faogift), tem por objetivo esclarecer alguns aspectos, mas conta com pouquíssimos recursos para ser realmente eficaz. O projeto precisa de uma equipe maior para reunir ainda mais pesquisas nacionais e elaborar diretrizes para futuras pesquisas. Outras iniciativas incluem o projeto da Base de Dados Global sobre as Dietas e um projeto de Pesquisa Global da Gallup que incluía perguntas sobre a qualidade da dieta. Iniciativas como essas contam com poucos recursos financeiros e são isoladas. São necessários portais de acesso livre aos dados sobre as dietas,

como a base de dados global da OMS sobre má nutrição infantil. Essa base incorpora centenas de pesquisas sobre a altura e o peso das crianças, e mostrou ser inestimável para documentar o progresso e cobrar responsabilidade das partes envolvidas.

Chegar a um acordo a respeito do que constitui uma dieta saudável. Ninguém escolhe nutrientes. O que se faz é selecionar combinações de alimentos em quantidades que variam. A vinculação entre certos alimentos e certas doenças serve de base para a análise de fatores de risco em estudos sobre a carga global, mas revela pouco a respeito das dietas como um todo. Embora haja estudos sobre, digamos, o valor da dieta mediterrânea, existem poucos trabalhos provenientes de países de baixa renda. E até mesmo o perfil nutricional de muitos alimentos locais importantes continua sendo pouco conhecido. É necessária uma maior compreensão sobre as relações dose-resposta. É melhor comer com frequência um pouco de cada categoria de alimentos ou uma grande quantidade de alimento menos amigável? Os pesquisadores precisam ser mais criativos, e os financiadores, mais

ousados, na avaliação das implicações das combinações comuns de alimentos sobre a saúde.

"É difícil comparar dietas de várias culturas, locais e épocas".

Combater diferentes formas de má nutrição simultaneamente. Informações confiáveis a respeito do que funciona para reduzir tanto a subnutrição quanto a obesidade (e doenças relacionadas com ela) são fundamentais para que governos e indústria ampliem os investimentos com o objetivo de melhorar as dietas. Os programas bem-sucedidos no combate à subnutrição tendem a ser implementados em pequena escala⁵. As evidências sobre como abordar dietas pouco saudáveis associadas à obesidade costumam basear-se em um grupo populacional, sendo mais difíceis de ser avaliadas. Existem análises sobre o efeito das intervenções destinadas a aumentar a disponibilidade dos alimentos, seu preço e sua atratividade, tais como alterações dos impostos, normas para alimentos servidos nas escolas e rotulagem nutricional⁶. Porém, o impacto destas intervenções

sobre os subgrupos populacionais ou a obesidade foi pouco estudado. As lacunas mais sérias estão relacionadas com intervenções que incidem mais para o início da cadeia dos sistemas alimentares, como normas e novos incentivos para transporte e venda ao consumidor mais eficazes de alimentos nutritivos (veja também "Identificar pontos de introdução de mudanças").

Compreender o papel do comprimento da cadeia. Em modelos de "cadeia curta", os alimentos passam diretamente de quem os cultiva ou cria para aqueles que os consomem, como em um contexto de agropecuária de subsistência, nos mercados de produtores ou em locais onde um programa de merenda escolar obtém os alimentos de propriedades agrícolas familiares. Já nos sistemas de "cadeia longa", os alimentos percorrem grandes distâncias ou passam por diversas transações até chegar aos consumidores. Qual seria a combinação desses sistemas que garantiria uma dieta de alta qualidade, isto é, alimentos suficientes do tipo certo, ao preço certo, para todos? As pesquisas devem analisar as preocupações com a sustentabilidade (como a maneira de reduzir o desperdício

de alimentos e as emissões de gases do efeito estufa) e investigar os benefícios sociais e econômicos dos diversos tipos de sistemas (veja "Ajustar os processos de medição").

Analisar incentivos às empresas. Com exceção dos consumidores, as partes interessadas mais numerosas nos sistemas alimentares globais são as entidades privadas, dos produtores agrícolas aos processadores de alimentos, atacadistas e varejistas. Em 2015, quatro das 25 maiores companhias de alimentos e bebidas realizaram, sozinhas, um terço das vendas totais de produtos. Assim, o setor privado poderia ajudar a fazer com que os sistemas alimentares tendessem a adotar dietas de maior qualidade, além de responder de forma inovadora às metas e regulamentações. Precisamos entender quais são os incentivos que fazem essas alavancas se moverem em uma direção mais saudável. Precisamos também de melhores mecanismos para um diálogo público-privado, de modo a moldar e pôr em prática as prioridades em pesquisa. A colaboração entre concorrentes durante a etapa inicial de desenvolvimento de produtos comerciais poderia transformar

os setores coletivamente e superar a falta de estímulo para que uma empresa aja isoladamente. Um exemplo disso, promovido pela Aliança Global para uma Nutrição Melhor, é um programa chamado Plataforma Empresarial para a Pesquisa em Nutrição, que busca aumentar substancialmente os investimentos das empresas em produtos nutritivos e em serviços em prol da nutrição, estudando as evidências, em geral omitidas, que limitam a disposição e a capacidade das companhias para realizar esses investimentos. Com o objetivo de fortalecer a prestação de contas, é necessário pesquisar quais são as parcerias público-privadas que fazem as dietas melhorarem ao máximo. Existem pesquisas como essas na área da saúde⁷.

Assumir a responsabilidade pelo clima. O aquecimento global afetará a disponibilidade de diversos alimentos oriundos da terra e dos mares, além de seu valor nutricional. Mudanças nas dietas também impulsionarão alterações significativas no uso da terra e da água e nas emissões de gases do efeito estufa⁸. Como a diversificação dos sistemas alimentares locais poderia abordar a resiliência agrícola e a diversidade nutricional? O



Acaí Nativo - © Ronaldo Rosa

consumo de alguns dos alimentos mais ricos em micronutrientes (entre eles, frutas, verduras e proteínas de origem animal) deve ser ampliado em comunidades pobres; porém, tais alimentos geram exigências consideráveis em relação aos recursos naturais. Pesquisas a respeito de como produzi-los de forma menos poluente são fundamentais em um contexto no qual os sistemas de criação de gado estão em rápida transformação. Essas pesquisas também poderiam identificar maneiras de conseguir grandes vantagens em termos de meio ambiente e de dietas. As evidências sugerem, por exemplo, que adotar as orientações da OMS para tornar as dietas saudáveis poderia reduzir a mortalidade global entre 6% e 10% e as emissões de gases do efeito estufa relacionadas com a produção de alimentos, entre 29% e 70%, em comparação com uma situação de referência em 2050⁹.

Estudar a oferta e a demanda.

A disponibilidade dos alimentos sofre influência das preferências dos consumidores, dos preços relativos e da oferta. Encontram-se alimentos processados e bebidas com alto teor de açúcar em áreas remotas do Nepal e da Etiópia; mas não se encontra em toda parte uma grande variedade de verduras e legumes, frutas e peixes. Em parte, isso acontece porque os investimentos no aperfeiçoamento da produção e no aumento da disponibilidade dos produtos agrícolas vêm, há décadas, se concentrando em apenas alguns cereais. O financiamento às instituições de pesquisa do setor público global ainda se concentra principalmente no arroz, no trigo, no milho e em alguns outros cereais. Cerca de 45% dos investimentos em pesquisas agrícolas feitas pelo setor privado concentram-se no milho¹⁰. As pesquisas públicas e privadas sobre produtos alimentícios (incluindo frutas, legumes e

verduras como a manga, a cenoura e o espinafre, e grãos como a lentilha, bem como produtos derivados do peixe, sementes e nozes) precisam aumentar e se concentrar no rendimento desses produtos e na sua resiliência diante de pragas, doenças e das mudanças climáticas. Esta é uma mensagem importante para a comunidade global de pesquisadores, amplamente liderada pelo Grupo Consultivo em Pesquisa Agrícola Internacional (CGIAR). Os doadores devem apoiar o compromisso assumido pelo CGIAR em 2014 de incorporar a nutrição em todos os programas de desenvolvimento de culturas agrícolas, e suas tentativas de orientar mais pesquisas para sistemas alimentares mais saudáveis e uma agricultura igualmente mais voltada para a saúde. A promoção da oferta precisa ser combinada com a promoção da demanda. São necessárias mais pesquisas para educar, informar e incentivar os consumidores a fazerem escolhas positivas, de modo a terem uma dieta saudável, tanto em cenários de baixa quanto de alta renda.

Identificar as alavancas econômicas que favorecem as mudanças. Cada US\$ 1 gasto em programas de nutrição bem-sucedidos traz benefícios equivalentes a aproximadamente US\$ 16¹. Mas não sabemos bem em que ponto do sistema alimentar devemos investir ao adotar cada política, regulamentação ou programa para gerar o máximo de retorno líquido. Os responsáveis pela elaboração de políticas, em muitos países, incluindo a Indonésia, Ruanda e o Peru, estão solicitando evidências desse tipo. É preciso calcular os benefícios econômicos resultantes da melhoria da qualidade do sistema alimentar e da dieta para os diferentes setores e subsistemas em diversas situações: de maior demanda, de mudanças climáticas, de inovação industrial

e de alterações nas preferências dos consumidores.

“São necessárias mais pesquisas para incentivar os consumidores a fazerem escolhas positivas, de modo a terem uma dieta saudável”.

Ajustar os processos de medição. A melhoria da qualidade da dieta por meio dos sistemas alimentares não pode acontecer às custas de outros Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Apelos para que se determine o custo "real" do consumo de água ou da produção de carbono possibilitaram uma maior compreensão sobre as externalidades das escolhas individuais ou governamentais. Precisamos usar essa mesma abordagem em relação às dietas (veja Comentário, página 33). Precisamos ser capazes de esclarecer dúvidas como a seguinte: “De que maneira os custos e benefícios globais do consumo de frutas e verduras e legumes de origem local se comparam com os de sua importação?”. A relação entre saúde, uso da energia e da água e as emissões de gases do efeito estufa envolve comprometimento de algumas coisas em favor de outras, mas a variedade de alimentos de cada categoria indica que existe uma grande margem para encontrar benefícios, desde que sejam feitas análises minuciosas.

Precisamos urgentemente de métodos eficazes para medir tanto a sustentabilidade quanto o valor nutricional das dietas. Os trabalhos atuais sobre a pegada de carbono dos produtos devem ser ampliados, para que se tornem análises do sistema alimentar como um todo. Também é essencial inventariar anualmente, de forma transparente, o que os países estão fazendo para aprimorar diferentes pontos do sistema alimentar, e quais são os efeitos disso. Existe uma oportunidade

real para que a FAO, os bancos de desenvolvimento da África, da Ásia e da América Latina e o Banco Mundial criem conjuntos de indicadores que monitorem o nível de sensibilidade dos sistemas alimentares à nutrição, em áreas rurais e urbanas de cada país.

E AGORA?

Acabou-se o tempo das pesquisas em produtos cujo objetivo era alimentar um mundo que passava fome. E começou um novo tempo, que nos exige nutrir cada pessoa de uma maneira que seja sustentável dos pontos de vista ambiental, econômico e cultural. Os responsáveis pela elaboração de políticas precisam reconhecer urgentemente que as dietas estão comprometendo a produtividade econômica e o bem-estar como nunca antes. As delegações que participarem das cúpulas do G20 e do G7 em 2017 devem assumir a responsabilidade coletiva de corrigir nosso sistema alimentar defeituoso.

Em conformidade com essa situação, os financiadores que apoiam a pesquisa agrícola e nutricional têm de concentrar muito mais recursos, duplicando a quantia destinada a instituir sistemas alimentares mais

nutritivos até 2020. Os acadêmicos e os periódicos científicos precisam tornar-se mais diversificados em relação aos métodos e às abordagens que apoiam. Somente poderemos resolver os problemas de nossos sistemas alimentares se os diagnosticarmos corretamente. Caso contrário, a saúde e os problemas econômicos futuros do planeta serão muito maiores do que são hoje. ■



Bananas, Ipanema Street Market - © Keetr

Authors

Lawrence Haddad é diretor-executivo da Aliança Global para uma Nutrição Melhor (Genebra, Suíça). **Corinna Hawkes** é diretora do Centro para Políticas Alimentares da City University London (Londres, Reino Unido). **Patrick Webb** é professor de nutrição da Faculdade Friedman de Ciências e Políticas da Nutrição da Universidade Tufts (Boston, Massachusetts, EUA). **Sandy Thomas** é diretora do Painel Global sobre Agricultura e Sistemas Alimentares para a Nutrição de Londres; e professora de políticas científicas da Unidade de Pesquisas em Políticas Científicas da Universidade de Sussex (Reino Unido). **John Beddington** é professor de gestão de recursos naturais da Universidade de Oxford (Reino Unido) e co-diretor do Painel Global sobre Agricultura e Sistemas Alimentares para a Nutrição. **Jeff Waage** é consultor técnico e **Derek Flynn** é consultor de políticas do Painel Global sobre Agricultura e Sistemas Alimentares para a Nutrição de Londres (Reino Unido).

References

1. Instituto Internacional de Pesquisa sobre Políticas Alimentares. *Relatório sobre a Nutrição Mundial 2016: Da promessa ao impacto: erradicar a má nutrição até 2030* (IFPRI, 2016; disponível em <http://go.nature.com/2g3er5u>).
2. GBD 2013 Risk Factors Collaborators. *Lancet* **386**, 2287–2323 (2015).
3. FAO, IFAD e PMA. *The State of Food Insecurity in the World 2015* (FAO, 2015).
4. Painel Global sobre Agricultura e Sistemas Alimentares para a Nutrição. *Food Systems and Diets: Facing the Challenges of the 21st Century* (Painel Global, 2016); disponível em www.glopan.org/foresight
5. Bhutta, Z. A. *et al.* *Lancet* **382**, 452–477 (2013).
6. Hawkes, C. *et al.* *Lancet* **385**, 2410–2421 (2015).
7. Roehrich, J. K., Lewis, M. A. e George, G. *Soc. Sci. Med.* **113**, 110–119 (2014).
8. Tilman, D. e Clark, M. *Nature* **515**, 518–522 (2014).
9. Springmann, M., Godfray, H. C. J., Rayner, M. e Scarborough, P. *Proc. Natl Acad. Sci. USA* **113**, 4146–4151 (2016).
10. Fischer, T., Byerlee, D. e Edmeades, G. *Crop Yields and Global Food Security: Will Yield Increase Continue to Feed The World?* (ACIAR, 2014); disponível em <http://go.nature.com/2gkkez>

Esta é uma tradução do comentário publicado na revista Nature em 1 de Dezembro de 2016. A versão original em inglês esta disponível no site: <http://www.nature.com/news/a-new-global-research-agenda-for-food-1.21052>

O Painel Global sobre Agricultura e Sistemas Alimentares para Nutrição é responsável pelo conteúdo dessa tradução.

www.glopan.org



Global Panel
on Agriculture
and Food Systems
for Nutrition